

Rogério Pagnan

O PIOR DOS CRIMES

A HISTÓRIA DO ASSASSINATO DE ISABELLA NARDONI

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P156p Pagnan, Rogério
O pior dos crimes: a história do assassinato de Isabella Nardoni /
Rogério Pagnan. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.

ISBN 978-85-01-11297-2

1. Jornalismo – Reportagem e investigação. 2. Crime. I. Título.

17-46639 CDD: 070.43
CDU: 070.4

Copyright © Rogério Pagnan, 2018

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11297-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.”

Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

Foram eles(?)	11
---------------	----

Parte 1: London

1. Edifício London	19
2. Socorro em vão	29
3. Gritos na noite	39

Parte 2: Origem

4. Pontes de Roma	51
5. Filha da Rosa	61
6. Dois enes	67
7. Bodas de lágrimas	73
8. Um sábado qualquer	83
9. Dia de adeus	91

Parte 3: Investigação

10. Estranha história	97
11. Quem matou Odete?	111
12. Daquele quintal	117
13. Passa-moleque	125
14. Doutores da rua	133
15. Confissão perdida	139
16. Coelho Gabriel	145

17. Sem liberdade	151
18. Festa surpresa	157
19. Missão cumprida	167
20. Sem honras	175

Parte 4: Perícia

21. Tamanho da mão	185
22. Não é sangue	193
23. Salada de fruta	205
24. Ficção científica	211
25. Única pergunta	223

Parte 5: Julgamento

26. Banca rachada	229
27. Só não vê	243
28. Quarto poder	249
29. Assistente da acusação	253
30. Estrela do dia	265
31. Doutora no assunto	273
32. Grandes detalhes	285
33. Bonecas na cama	295

Parte 6: Condenados

34. Dias de cárcere	305
35. Pior dos crimes	315

Agradecimentos	333
----------------	-----

Foram eles(?)

A dona de casa Lindy Chamberlain, de 32 anos, caminhava em direção à barraca quando viu um dingo sair de dentro do abrigo do camping, balançando a cabeça como se carregasse com dificuldade algo com a boca. Pensou que o animal, uma espécie de pequeno lobo bastante comum naquela região da Austrália, estivesse levando os sapatos do marido que tinham sido colocados logo na entrada da barraca.

— Sai daí! — gritou, correndo em direção ao bicho, na intenção de que ele deixasse cair o calçado, antes que o animal sumisse na noite de 17 de agosto de 1980.

Casada com Michael, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia e quatro anos mais velho, Lindy tinha ido verificar um grito da filha Azaria, de apenas 9 semanas de vida, que havia sido deixada dormindo na barraca com o irmão Reagan, de 4 anos. O grito da menina fora ouvido primeiro por Aidan, o filho de 6 anos, e confirmado pelo marido quando estavam na área da churrasqueira preparando o jantar — a poucos metros da barraca. A mãe estranhara o aviso, porque a menina estava em um sono bastante profundo quando fora deixada lá havia poucos minutos, antes de surpreender o vulto do dingo saindo do abrigo de lonas brancas.

Já na entrada, a mulher pôde ver as mantas espalhadas pelo chão e, instintivamente, temeu pela vida do bebê. Sabia que a filha estava apenas com o rosto de fora quando foi colocada ali e pensou que, no mínimo, precisaria de primeiros socorros. Mergulhou, então, para o interior do abrigo: apalpou o saco de dormir, passou as mãos pelo chão, pelos cantos,

mas não encontrou nada. Ao recuar, em busca de ajuda, viu de relance que Reagan estava bem.

— Oh, Deus! Oh, Deus! O dingo levou meu bebê! — gritou.

Uma grande equipe de buscas foi mobilizada rapidamente pela polícia, com ajuda de outras famílias também acampadas naquele parque nacional e de aborígenes da região da Ayers Rock. Os trabalhos seguiram por toda a madrugada gelada, mas nada foi encontrado além de pegadas do animal e, sete dias depois, o macacãozinho ensanguentado do bebê em um ponto distante do lugar do ataque. Os restos mortais de Azaria jamais foram localizados.

Não demoraram, porém, para surgir as primeiras suspeitas de que os próprios pais teriam assassinado o bebê. Um sacrifício humano, talvez, já que havia rumores de que o nome Azaria significaria “sacrifício no deserto”, embora o correto fosse, do hebraico, “aquele a quem Deus ajuda”. As pessoas também achavam o casal frio demais ao falar da morte da filha em entrevistas, porque não havia choro desesperado diante de morte tão trágica. Ambos permaneciam serenos ao dizer que aceitavam a tragédia com resignação, por acreditarem nos desígnios de Deus. Os australianos também sabiam que dingos eram inofensivos, incapazes de atacar um humano, a não ser quando provocados. Não havia notícias de mortes causadas por esses animais, de crianças ou adultos, em qualquer parte.

O casal Chamberlain foi condenado em outubro de 1982, dois anos depois da morte de Azaria, após a Suprema Corte anular o primeiro inquérito que considerara não ter havido crime. O caso foi reaberto por conta do clamor popular e passou a ser chamado por jornalistas de “o julgamento do século”.

Para conseguir a condenação, a Promotoria valeu-se dos trabalhos da perícia, liderada por um especialista envolto em polêmicas. Entre as principais “evidências” apresentadas por ele, estavam as marcas no macacãozinho da criança que tinham o formato exato dos dedos das mãos de Lindy, inclusive na posição em que ela teria segurado o pescoço da filha para cortá-lo com uma tesoura. Também eram tidas como provas irrefutáveis as manchas encontradas no interior do veículo da família —

um Torana amarelo, ano 1977 —, que os peritos diziam ser sangue, o que indicaria onde a menina foi morta.

— A Coroa não se arrisca a sugerir qualquer razão ou motivo da morte. [...] Apenas declaramos que as evidências a serem apresentadas provarão além de qualquer dúvida razoável que, por algum motivo, a criança foi assassinada pela mãe. Pouco depois do evento a mãe assegurou... e depois continuou a assegurar... que a criança morta fora levada da barraca por um dingo. A Coroa diz que a história é uma mentira fantasiosa e calculista para ocultar a verdade, que é a de que a criança Azaria morreu pelas mãos da mãe — disse o chefe da acusação, Ian Barker, quando iniciou os trabalhos de julgamento do casal Chamberlain.¹

Como não houve confissão, Lindy foi condenada à prisão perpétua, em regime de trabalhos forçados. Já o marido, considerado cúmplice, recebeu uma reprimenda de dezoito meses de cadeia, posteriormente suspensa pela Justiça para que ele pudesse cuidar dos filhos. A mulher engravidara durante o processo e teve uma filha, Kahlia, logo após chegar à prisão. O governo concluiu, porém, que a prisioneira não poderia ficar com a criança, nem com o pai, e, assim, o bebê foi tirado da mãe quatro horas após o nascimento e repassado a pais adotivos.

Até 1986, Lindy perderia todos os recursos em instâncias superiores.

Lembrei-me da história dessa família australiana quando, em março de 2010, fiquei confinado no Fórum Barra Funda, na zona oeste de São Paulo, aguardando para participar do julgamento do casal brasileiro também acusado de matar uma criança. Os acusados eram Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta de Isabella, de 5 anos, que fora atirada ainda com vida pela janela do sexto andar do apartamento do pai na noite de 29 de março de 2008, na zona norte da capital paulista.

Nesse confinamento, fiquei por três dias acompanhado de nove pessoas, todas convocadas pela Justiça a pedido da defesa, sendo oito delas policiais que participaram diretamente da investigação: três peritos (duas

¹ John Bryson. *Um grito no escuro*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

mulheres e um homem), dois médicos legistas, dois investigadores e o delegado Calixto Calil Filho, titular do distrito policial responsável pela investigação.

Todos os dez contrariados de estarem ali.

O último convocado era o pedreiro Gabriel, que, dois anos antes, me falara de um portão arrombado em um prédio aos fundos do edifício London, palco do crime. Assunto relevante à época, porque o autor do arrombamento era desconhecido, as polícias negavam acesso ao prédio, e a segurança do edifício era uma das questões discutidas no inquérito. Fui convocado para falar aos jurados sobre essa entrevista — e Gabriel, acredito eu, para explicar por que passou a negar o arrombamento (e até mesmo a entrevista) depois de conversar com policiais do 9º distrito no dia em que a reportagem foi publicada.

A lembrança dos Chamberlain, história imortalizada pelo filme *Um grito no escuro* (baseado no livro de John Bryson e estrelado nos anos 1980 por Meryl Streep), ocorreu-me quando passei a dar conta, sem entrar no mérito do grau de culpa dos Nardoni, da quantidade de semelhanças existentes entre os dois casos. Por exemplo:

- a) as pessoas consideraram as histórias inverossímeis e elegeram as mulheres como as principais suspeitas, ambas tidas como “esquitas”;
- b) as condenações foram baseadas principalmente em provas periciais, vistas como irrefutáveis, ainda que frágeis e lideradas por peritos polêmicos;
- c) os principais indícios eram marcas em roupas que indicavam a dinâmica do crime e, ainda, supostas manchas de sangue encontradas no interior do veículo da família;
- d) os promotores usavam a mesma expressão para definir a história dos réus: “fantasiosa”;
- e) as Promotorias não conseguiram apontar a motivação dos assassinatos;
- f) e, por fim, os dois casais se declararam inocentes todo o tempo.

Lindy ficaria presa até 1986, quando a polícia, à procura do corpo de um alpinista britânico morto acidentalmente, encontrou um casaco branco de lã, de bebê, próximo a uma toca de dingos. O encontro da peça era importante porque, durante todo o processo, a mulher jurava que a filha usava o casaco na noite da morte, mas, como ele nunca fora localizado, a Promotoria sustentava ser parte da “mentira fantasiosa” contada pela mãe. Além da roupa, também surgiram informações de outros ataques de dingos pelo país, com a morte de crianças até mais velhas do que Azaria, antes e depois daquela noite escura de agosto de 1980.

Já no Brasil, o casal Nardoni fora condenado em 2010 a penas superiores a 26 anos de prisão para cada um dos réus. Só não pegaram prisão perpétua porque a legislação do nosso país não permite. A absoluta maioria das pessoas que acompanhavam o caso tinha certeza de que as afirmações feitas pelos réus tinham 99% de chance de serem falsas.

Havia, porém, exceções. Horas antes da condenação do casal ser formalizada, por exemplo, o próprio delegado Calixto Calil declarou algo sobre os Nardoni que aumentava, em tese, a probabilidade de que a versão deles fosse verdadeira. Ao concluir um raciocínio sobre o julgamento, ainda no fórum, ele finalizou com a seguinte ressalva: “Se foram mesmo os dois [que mataram a menina].”

Tratava-se de admissão indireta de que o policial ainda tinha dúvidas sobre a autoria do crime, ainda que, oficialmente, dissesse o contrário. Seria possível que, extraordinariamente, a verdade pudesse estar naquele 1%? Ou, melhor, que a interpretação da polícia, com base em laudos periciais e difundida durante dois anos, não fosse a verdadeira? O crime não estaria totalmente desvendado? Quais eram, afinal, as preocupações que levavam o delegado a se manifestar daquela forma?

Foram essas algumas das perguntas que me conduziram a um trabalho de apuração jornalística iniciado dias após o fim do julgamento e que, agora, são a base desta obra. Foram meses de estudo do processo, incontáveis horas de conversas com personagens da história e pessoas que tiveram acesso aos bastidores do trabalho policial. Busquei novos documentos e analisei, com a ajuda de importantes peritos, os laudos

periciais do processo para entender exatamente o que eles podem provar, sem me valer de versões da acusação ou da defesa.

Tudo nesta obra é, assim, baseado em documentos e entrevistas.

Não consegui localizar nenhum “casaquinho branco”. Talvez ele não exista. Encontrei, pelo contrário, aquilo que pode ser a principal evidência contra os dois, ou, pelo menos, que permite acreditar que o crime foi cometido por um deles — algo inexistente no processo e desconhecido até mesmo de boa parte dos policiais.

Também descobri, por outro lado, o que acredito ser a razão das dúvidas de Calixto Calil sobre a versão oficial. Histórias inconfessáveis de procedimentos adotados por parte dos policiais, segredos até de membros das instituições, que estavam inacessíveis à opinião pública até aqui. Comportamentos que trazem sérias dúvidas sobre se, caso a polícia tivesse eventualmente encontrado o “casaquinho”, ela iria anexá-lo ao inquérito para que todos tomassem conhecimento. Também traz incertezas sobre se a versão oficial é realmente a verdade daquela noite.

Não há dúvidas, no entanto, de que, aliados ao sofrimento das famílias, todos esses elementos fazem desta história não só um dos maiores casos da literatura policial do Brasil, mas também o pior dos crimes.

Parte 1

London

Edifício London

— PELO AMOR DE DEUS, FILHA. Rua Santa Leocádia, 138. Tem ladrão no prédio, jogaram uma criança lá de cima, pelo amor de Deus — gritou o homem do outro lado da linha assim que a atendente do serviço de emergência da Polícia Militar de São Paulo disse boa noite. O relógio do telefone marcava 23h49m59s.

Com onze anos de experiência, todos dedicados ao atendimento de emergência pelo 190, a soldada Roseli Martines Poleze sabia identificar um caso sério só pelo tom da voz. O desespero sincero daquele homem era senha para que a policial ajeitasse o corpo na cadeira e passasse a dedicar toda a atenção possível.

— Leocádia, número?

— 138.

— 138. Jogaram de que endereço... de qual altura?

— Do sexto andar. Pelo amor de Deus, jogaram uma criança de lá de cima. Tem ladrão dentro do prédio. Ai, meu Deus do céu!

— Santa Leocádia? — insiste a policial.

— Santa Leocádia, 138, bem.

Gritos, ao fundo, são ouvidos por Roseli. São gritos desesperados de alguém que parece se deparar com uma cena extremamente horrível. O som deixa ambos ao telefone emudecidos por alguns instantes.

Mais gritos fazem a policial se emocionar.

— Ai, meu Deus — lamenta ela.

O homem, por sua vez, fica ainda mais desesperado.

— Pelo amor de Deus, filha...

— Eu tenho que cadastrar...

Novos gritos de horror, vozes femininas, interrompem a mulher que tentava explicar sobre registros obrigatórios da polícia.

— Olha, você está escutando, bem?

— Estou ouvindo. Estou ouvindo — responde ela com a voz também emocionada. Roseli estava ainda mais tensa porque, justo naquela hora, seu terminal apresentou problemas. Travara a tela do monitor.

— Estou no primeiro andar, jogaram lá de cima.

— Me passa um nome de uma rua próxima — pede a policial.

Pontos de referência ajudam a polícia a encontrar de maneira mais rápida o endereço em uma metrópole com 11 milhões de habitantes e mais de 90 mil ruas, avenidas e praças cadastradas.

— Hein?

— Me passa o nome de uma rua próxima...

— Aqui, é... — o homem demonstra dificuldades de raciocínio e pede ajuda para alguém ao seu lado. — Sabe o nome de uma rua próxima, bem? Estou nervoso... — Ele repete à policial o endereço que ouviu. — Ataliba Leonel, bem.

— Ataliba Leonel? — confere a policial.

— É. Pelo amor de Deus. Em frente à Telefônica.

— Tá registrada sua solicitação. Pode aguardar a viatura — finaliza.¹

A ligação termina às 23h51m20s (exatos 1 minuto e 21 segundos), como consta dos registros da polícia paulista de 29 de março de 2008.

Roseli não perguntou, mas o homem desesperado ao telefone se chamava Antônio Lúcio Teixeira, mais conhecido como seu Lúcio. Professor de educação física de 61 anos de idade que, graças à altura, robustez e poucos cabelos brancos, aparentava ser bem mais jovem.

¹ Gravação da Polícia Militar nº 7.165.152 PA-05. Processo 0002241-66.2008.8.26.0001, p. 321.

Minutos antes daquele telefonema à polícia, seu Lúcio esperava o sono assistindo ao programa de celebridades *Amaury Jr.* na pequena sala de seu apartamento, na zona norte da cidade de São Paulo, onde só cabiam o sofá marrom de três lugares, um rack com uma TV de tela plana e um vaso com galhos verdes. Para não atrapalhar a mulher, que já tinha ido se deitar, o professor ajustara o som do aparelho no menor volume possível.

Lúcio e a mulher foram os primeiros moradores do London. Um edifício de classe média com 48 apartamentos divididos em doze andares em torre única, ornado com pastilhas cinza-escuro e brancas. Todos os apartamentos, assim como o do professor, tinham 82 metros de área privativa, incluindo uma varanda gourmet, que, junto à sala de estar, dava certo charme à arquitetura da construção por formar mais curvas ao desenho para quem olhava da rua. Tinham ainda duas vagas de garagem e uma área de lazer comum, com piscina, playground e churrasqueira. As unidades mais bem localizadas do condomínio custavam, cada uma, cerca de R\$ 250 mil em 2008, época em que o Brasil assistia ao início do boom imobiliário dos áureos anos da era Lula.

A instalação da família Teixeira se deu em setembro de 2007, logo após a liberação pela construtora do apartamento decorado, e, como não tinha vizinhos, o professor acabou sendo, por 40 dias, síndico dele mesmo. Toda a organização do condomínio, incluindo questões de segurança, passou por suas mãos.

O morador perderia o cargo de síndico na eleição realizada naquele mês de março de 2008, quando o London já tinha cerca de vinte apartamentos ocupados, mas ele ainda mantinha o status de mandachuva. Foi por isso que o interfone dele tocou naquela noite, interrompendo seu programa de celebridades.

— Seu Lúcio, por favor, sai na sacada — gritou desesperado o porteiro Valdomiro da Silva Veloso. — Tem uma menina caída no jardim.

— Você está sonhando, Valdomiro? Tá dormindo? — disse Lúcio.

— Sai, seu Lúcio, pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus, sai na sacada — implorou o funcionário com a voz aflita.

O professor caminhou em direção à sacada. Encostou-se no parapeito e, por estar no primeiro andar, pouco precisou se curvar para ver o pequeno jardim e a entrada do condomínio, de frente para a rua. “Olhei e vi que tinha uma criança caída. Aquilo para mim foi um choque terrível.”

Voltou desesperado para o interior do apartamento em direção à mesa redonda de vidro, ao lado direito do sofá marrom, onde estava o telefone.

Valdomiro não viu o momento da queda. Diz que estava em sua guarita quando ouviu um barulho, uma pancada, como uma batida de carro, e levou susto quando abriu a janela e viu a criança estirada.

Após chamar por seu Lúcio, o rapaz devolveu o interfone ao encaixe sobre a mesa de controle e foi conferir se ela ainda estava viva. “Estava com o olhinho aberto, mas não tinha movimento.”

O porteiro caminhava pelo gramado quando ouviu seu nome.

— O que está acontecendo, Valdomiro? — perguntou, da sua sacada do terceiro andar, José Carlos Pereira, morador do apartamento 32.

Aos 41 anos, o analista de canais, responsável por descobrir oportunidades para empresas, assistia na TV à transmissão de uma corrida da Fórmula Indy quando também ouviu o barulho. Esperou por gritos, burburinho de vozes ou alguma movimentação diferente, mas, como nada disso aconteceu, imaginou não ter sido nada grave. Voltou seus olhos para o televisor, mas os pensamentos tentavam processar a origem do barulho. Foi quando resolveu ir até a varanda.

— O que está acontecendo, Valdomiro?

— Caiu, seu José Carlos, caiu — tentava explicar o funcionário.

O morador não entendeu de imediato o que o porteiro queria dizer porque, pelo ângulo do terceiro andar em relação ao gramado, não conseguia ver a menina.

— Caiu da onde? — indagou o morador.

— Não sei. Daí de cima, seu Carlos.

O morador só compreendeu a situação após forçar a cabeça contra a rede de proteção da sacada e ver a criança estirada no gramado, iluminada pelas luzes do jardim. Ao menos daquela distância, não era possível ver

sangue nem sinais de fraturas no corpo da menina. Era como se ela tivesse sido colocada ali. A primeira reação do analista foi pegar o telefone para o Corpo de Bombeiros (o relógio do gravador dos bombeiros registraria o início da ligação às 23h50m01s).

Nem Lúcio nem José Carlos desceram para prestar socorro à vítima. Seu Lúcio permaneceu na sacada, de onde viu, ao término da ligação para a polícia, aproximar-se da criança um homem — como que saído dos elevadores do próprio prédio. Com cerca de 30 anos de idade, o homem vestia bermuda jeans, camiseta cinza de algodão com estampa nas costas e chinelos tipo havaiana. Tinha cerca de 1,80 metro de altura e porte atlético, além de cabelos castanhos bem curtos, aparados à máquina, que destacavam as profundas entradas acima das têmporas e ampliavam a proporção da testa, tão grande quanto o queixo de maxilar quadrado e boca e lábios proeminentes.

Seu Lúcio reconheceu o rapaz como sendo o vizinho recém-chegado ao prédio, com quem havia cruzado apenas duas vezes, uma delas no elevador e a outra na reunião de condomínio da última terça. Tinha certeza da presença dele porque foi justamente seu Lúcio quem passou a lista.

— O que aconteceu, filho? — perguntou o professor.

— É minha filha. Arrombaram meu apartamento, cortaram a tela de proteção e jogaram minha filha — disse Alexandre Alves Nardoni, 29.²

O pai da criança colocou o ouvido no peito da menina.

— Está viva! Está viva! — gritou, fazendo movimento de querer pegar a criança para tentar socorrê-la, mas foi desaconselhado pelo professor.

— Filho, não faça isso! Você pode quebrar a cervical — gritou ele.

O rapaz desistiu do socorro, mas implorou ao porteiro:

— Tem ladrão, minha mulher e meus filhos estão lá em cima! Sobe lá para você ver, por favor!

Valdomiro ficou indeciso sobre o que fazer. Antes mesmo que pudesse responder, ouviu seu Lúcio ordenar:

— De forma alguma. Você não sai daí.

² Depoimento de Lúcio e Valdomiro. Processo 0002241-66.2008.8.26.0001, p. 13 e 15.

Só mais tarde o professor explicou por que tomou essa decisão. “Pensei que fosse despencar mais gente lá de cima. Caiu uma criança, o que vai acontecer? Tem mais gente, vai despencar mais gente. É o desespero. Foi o primeiro pensamento que tive.”

— Não mexe, não mexe nela que estou chamando o resgate! — também gritou o morador do terceiro andar, que já havia ligado para os bombeiros e para a polícia.

Ao desligar o telefone com a PM, às 23h53m58s, o analista preocupou-se também com a própria família. Um criminoso que invade um apartamento e atira uma criança pela janela, pensou ele, seria capaz de tudo. Inclusive invadir outro apartamento. Assim, o melhor seria se proteger. Correu então até o quarto onde estavam a mulher e a filha. Disse para que ficassem por lá, em silêncio, porque havia perigo no prédio.

De volta à sala, buscou algo que pudesse usar como arma. Pegou na churrasqueira da sacada uma chapa de ferro fundido para usar como escudo e um espeto de churrasco para usar como espada. E, como um cavaleiro medieval, fixou-se diante da porta, pronto para se defender de qualquer tipo de invasão.

A situação no London ficou ainda mais tensa quando chegou ao jardim Anna Carolina Jatobá, mulher de Alexandre, totalmente transtornada. A mulher — morena de pele clara, 1,63 metro de altura, cabelos castanhos e olhos invocados — caminhava descalça carregando no colo Cauá, de 11 meses, e arrastando pela mão o filho Pietro, com 3 anos recém-completos. Não falou nada ao marido, que continuava ao lado da criança caída, e, deixando o maiorzinho para trás, partiu aos berros na direção do porteiro.

— Porra, caralho. Vocês são uns incompetentes. Filhos de uma puta! — gritou a mulher, dando início a uma série de críticas à segurança do prédio.

Naquele momento, às 23h55m09s, o pedido de socorro anotado por Roseli repercutia nos rádios dos carros da PM em patrulhamento pela zona norte da capital paulista, e também nas unidades do Corpo de

Bombeiros responsável pelo envio de equipes de resgate para o endereço fornecido por seu Lúcio.

A preocupação das equipes naquele momento ficou registrada em uma conversa gravada entre dois bombeiros, um deles se dirigindo ao local:

— Olha, essa situação da rua Santa Leocádia é a seguinte: os caras entraram para assaltar lá o condomínio e jogaram a menina lá de cima. E os “malas” estão tudo lá dentro ainda. Então, a polícia está a caminho de lá.

— Tá a caminho o policiamento?

— Tá a caminho. Fala pros caras que, se chegarem primeiro que o policiamento, é para entrar com cautela lá.

— Beleza, beleza.³

No Condomínio Santa Leocádia, prédio vizinho ao London, o consultor de segurança Waldir Rodrigues de Souza e a advogada Luciana Ferrari, de 38 e 36 anos, preparavam-se para dormir quando começaram a ouvir os xingamentos. Abriram a janela e viram Anna gritando ao celular com alguém.

— Jogaram a Isabella do sexto andar — dizia ao telefone.

Waldir e a mulher decidiram descer para ver a tragédia mais de perto. Ainda na porta do elevador, às 23h57m07s (registro da conta telefônica), Waldir ligou para o resgate avisando sobre a queda e pedindo uma ambulância.

Chegava nesse momento ao London a família do administrador Sérgio Luiz Curuchi, de 46 anos, morador do apartamento 44 do London, que tinha levado a mulher, a filha e o namorado dela para comerem pizza em um restaurante da avenida Luiz Dumont Villares, a poucas quadras dali. Sérgio havia escutado de longe os gritos vindos da entrada do prédio e, por isso, acelerou o passo para tentar ajudar de alguma forma. Na escada próxima à guarita, ouviu do pai da criança a versão de que um criminoso havia atirado sua filha pela janela.

³ Gravação do Corpo de Bombeiros de São Paulo (Polícia Militar, nº 2.759.202 PA. Processo 0002241-66.2008.8.26.0001, p. 920).

— Chama a polícia, chama a ambulância — gritava Alexandre, perto da criança caída. O recém-chegado tentou ligar para o resgate, pelo 192, mas não conseguiu por problemas nas linhas de emergência. Só dava ocupado.

O casal do condomínio ao lado encontrou o portão aberto e, assim, não teve dificuldades para chegar até onde a menina estava caída no gramado. Os dois cruzaram com o administrador Sérgio, que saía em busca de ajuda na Corregedoria da Polícia Militar, ao lado do London, enquanto a filha dele e o namorado partiam em direção a um posto policial da avenida Ataliba Leonel.

Foi da Corregedoria, que cuida apenas de crimes praticados por policiais militares, que chegaram os soldados Jonaldo Campos de Almeida e Josenilson Pereira Nascimento. Eles afastaram de perto da menina as pessoas que não moravam no prédio, entre elas Waldir, que fez um estranho pedido aos PMs:

— Posso tocar na criança?

Os policiais negaram e pediram que se afastasse.

— Tenho amplos conhecimentos em primeiros socorros — justificaria.

Cerca de um minuto depois, também chegaram ao local o cabo Robson Castro Santos e o soldado Rafael Antônio de Brito Paula, levados para lá pelas ordens de Roseli. Ambos ficariam encarregados de registrarem o fato para a PM e apresentar toda a história na delegacia mais perto, o 9º distrito policial.

— Você viu o bandido? Viu o indivíduo jogando? Como ele está vestido, as características? — perguntou o cabo Robson ao pai da criança.

O rapaz, diria o PM, respondeu não ter visto ninguém, apenas deduzia ter sido um ladrão quem havia arremessado a filha pela janela, já que a menina ficara sozinha no apartamento por alguns instantes enquanto ele tinha ido à garagem buscar o resto da família.

Waldir deixou o London e, na saída, ligou para os bombeiros, às 0h01m47s (horário da conta)⁴ para reforçar a necessidade de urgência do socorro.

No mesmo horário em que o consultor ligava para os bombeiros, perto da meia-noite, a empresária Rosemeire Simone Bara, de 41 anos, moradora do 11º andar, apartamento 113, escutou um forte barulho. “Ouvi uma batida seca, como uma porta de incêndio que havia batido com muita força.”⁵ A pancada foi tão forte que o filho mais velho da empresária, de 6 anos, se assustou com o barulho. Ela preparava um remédio para o menino, com problemas de sinusite, e o antibiótico deveria ser ministrado exatamente à meia-noite.

Rose, como é conhecida no prédio, disse ao filho que esperasse ali quietinho e foi até a área de serviço. Escutou gritos de mulher. “Rua Santa Leocádia, 138. Manda o resgate. Manda o resgate rápido. A menina caiu do sexto andar.”

A empresária então acordou o marido, o administrador de empresas Roberto Denis Saugo, pediu que ele ficasse tomando conta do menino e do bebê de 3 meses, que também dormia, e desceu até o jardim do prédio.

Ao chegar e se deparar com a cena da menina caída, ao lado do pai, entendeu o motivo dos gritos desesperados que ouviu. “Ela estava de barriguinha pra cima. Vi que os olhos estavam bem abertos, arregalados, a boca semiaberta e a cabeça viradinha, totalmente de lado.”

A empresária também viu Alexandre tentar erguê-la no colo e socorrê-la, mas ser novamente demovido pelas pessoas que assistiam à cena.

O modo como Anna chacoalhava o bebê, com muita força e parecendo não se dar conta daquilo, chamou a atenção da empresária e passou a incomodá-la. Rose não se conteve e tomou a criança dos braços da mãe.

As duas não tinham relação de amizade. Encontraram-se no prédio apenas três vezes durante os trinta dias de vizinhança. Numa delas, chegaram a conversar sobre maternidade e afazeres domésticos. Foi Anna quem puxou assunto ao ver Rose com o carrinho de bebê. Falou

⁴ Conta telefônica anexada por Waldir ao processo 0002241-66.2008.8.26.0001.

⁵ Processo 0002241-66.2008.8.26.0001, p. 99.

sobre as dificuldades de cuidar de duas crianças sem empregada fixa, de estratégias diante dos choros (geralmente descia para o playground) e que pensava ter tido depressão pós-parto.

Do alto de sua sacada, o professor Lúcio assistia a todo esse nervoso movimento de vizinhos e policiais. Como bom observador, talvez só ele tenha percebido que, do quintal de casa, a advogada Geralda Afonso Fernandes, 58 anos, parecia tentar entender o que se passava no grama-do do London. De sua casa, do outro lado da rua, ela não conseguia enxergar o que se passava no jardim — enxergava apenas do primeiro andar para cima.

A imagem de dona Geralda parada no quintal, como se já estivesse ali há algum tempo, talvez até antes da queda, causou uma sensação estranha no professor Lúcio. Talvez tenha se perguntado: a mulher teria ouvido o mesmo que ele? Teria, também, as mesmas suspeitas?